

Ciências Naturais no Instituto Universitário de Trás-os-Montes e Alto Douro, onde está a desempenhar funções docentes de assinalado relevo.

Instituto de Antropologia «Dr. Mendes Correia»  
Faculdade de Ciências — Universidade do Porto  
Março de 1981

J. R. DOS SANTOS JÚNIOR

Prof. de Antropologia na Universidade de Luanda  
(Janeiro, 1969 — Junho, 1971)

---

### Estação Paleolítica de Sá da Bandeira — Angola

A minha mulher, dedicada companheira nas minhas andanças por terras de Angola, sempre pronta a ajudar-me e a colher plantas e borboletas para os departamentos da Botânica e da Zoologia da Univ. de Luanda.

O. D. C.

Tenho vários desenhos e apontamentos colhidos nas muitas campanhas de estudos que fiz por terras de Angola de Janeiro de 1979 a Junho de 1982 onde estive como Professor da Universidade de Luanda.

Entre os apontamentos que conservo encontrei o manuscrito com desenhos e fotografias de uma estação paleolítica descoberta por minha mulher.

Na manhã de 7 de Junho de 1970, minha mulher, ao seguir de passeio pela Avenida Trigo de Moraes, entre a Pousada de Turismo, onde estávamos instalados, e o monumento ao general João de Almeida, viu no chão umas pedras lascadas que chamaram a sua atenção.

Apanhou algumas e atentou no lascado e seus retoques.

Na manhã seguinte repetiu o passeio do dia anterior e apanhou mais.

Ao fim da tarde desse dia, quando regresssei de Moçâmedes <sup>(1)</sup>, onde tinha ido em pesquisas arqueológicas, mostrou-me as peças que apanhara e que assinalavam uma estação paleolítica.

No dia seguinte a minha mulher levou-me ao sítio da sua descoberta.

Fizemos ampla colheita. Apanharam-se pontas e raspadores quer de sílex quer de quartzite. Depois de convenientemente etiquetadas foram integradas nas colecções do Museu que organizamos no departamento de Antropologia da Faculdade de Ciências da Universidade de Luanda.

Entre alguns papéis que trouxe de Angola encontrei o manuscrito referente às peças descobertas por minha mulher, que destinava a uma curta notícia a publicar na revista «Ciências Biológicas», publicação da Faculdade de Ciências da Universidade de Luanda.

---

(<sup>1</sup>) No dia 7 de Junho, acompanhado pelo Sr. Newton Torrinha, colector da Secção de Ciências Naturais (Zoologia e Botânica) da Delegação em Sá da Bandeira da Universidade de Luanda, segui pela estrada de Moçâmedes em prospecção arqueológica. Descida a grandiosa escarpa da Tundavala chega-se a Vila Arriaga. A estrada prossegue a caminho de Moçâmedes. Ao km 80 numa assentada de calhaus rolados de tamanhos desiguais, uns pequenos e outros grandes, alguns muito grandes do tamanho de pequenas abóboras, colhi algumas peças talhadas em calhaus rolados, que levei para Luanda, foram etiquetadas e integradas nas colecções do museu que organizamos no departamento de Antropologia da F. C. da Universidade de Luanda. O sítio é conhecido pelo nome de MUHÓLO.

Adiante 25 km, isto é, ao km 105 da mesma estrada novo afloramento de calhaus rolados de quartzite.

À esquerda da estrada via-se uma ampla cova pouco funda, e para lá da cova uma picada estrada de calhaus rolados, em média do tamanho de punhos, alguns um pouco maiores e outros mais pequenos.

Ao lado da picada um afloramento de granito em torno do qual abundavam os calhaus rolados. Ali fiz abundante colheita de instrumentos talhados a grandes lascas em godos ou calhaus rolados de quartzite, que etiquetados foram integrados nas colecções do museu do departamento de Antropologia da Faculdade de Ciências da Universidade de Luanda.

O sítio fica a 2 km do Posto Administrativo de MUNHINO, pelo que, à falta de melhor, se pode dar àquela estação arqueológica este nome,

Outros trabalhos e ocupações prementes não permitiram levar por diante o intento que consistia essencialmente em assinalar aquela estação arqueológica, e, ao mesmo tempo, prestar homenagem à sua descobridora.

Vejam os em sucinta descrição a natureza das peças colhidas por minha mulher.

— Ponta subtriangular de sílex castanho-escuro com lascado miúdo especialmente no bordo direito, que pode ser considerado como vestígios de utilização. Bem patinada com tonalidade cirosa.

A base tem na face inferior lascado miúdo que confere a este bordo feição de raspador. O bordo esquerdo é aresta viva (Figs. 1 e 2).

— Peça subelíptica com face inferior plana, ligeiramente côncava, e face superior alteada por crista longitudinal bifurcada, por ablação de três grandes lascas. Talão, ou plano de ataque, liso e trapezoidal.

Peça de sílex(?) com patine clara branco sujo. Bordos cortantes muito pouco retocados. Apenas na ponta, onde convergem os lados quase em ângulo recto, tem algum lascado miúdo que podem ser vestígios de utilização.

Esta peça muito bem patinada pode talvez classificar-se como raspador múltiplo (Figs. 1 e 2).

— Quartzite castanho-escuro discóide com cerca de metade do bordo com cinco denticulos rombos, obtidos por lascados em concha quase regularmente espaçados (Figs. 1 e 2).

A face inferior é plana. A face superior ligeiramente convexa e bem patinada de castanho-escuro.

— Lâmina de sílex (?) com a face inferior aplanada com ligeiras ondulações. Face superior com crista a todo o comprimento, da qual parte para esquerda outra crista que divide a metade esquerda em duas facetas acentuadamente côncavas.

O bordo direito é em aresta viva cortante em quase todo o seu comprimento, como é próprio das lâminas ou facas.

O bordo esquerdo tem dois «enches» que permitem considerar aquele bordo como duplo raspador côncavo (Figs. 1 e 2).

A peça que podemos considerar como lâmina raspador é bem patinada de cor branco sujo.

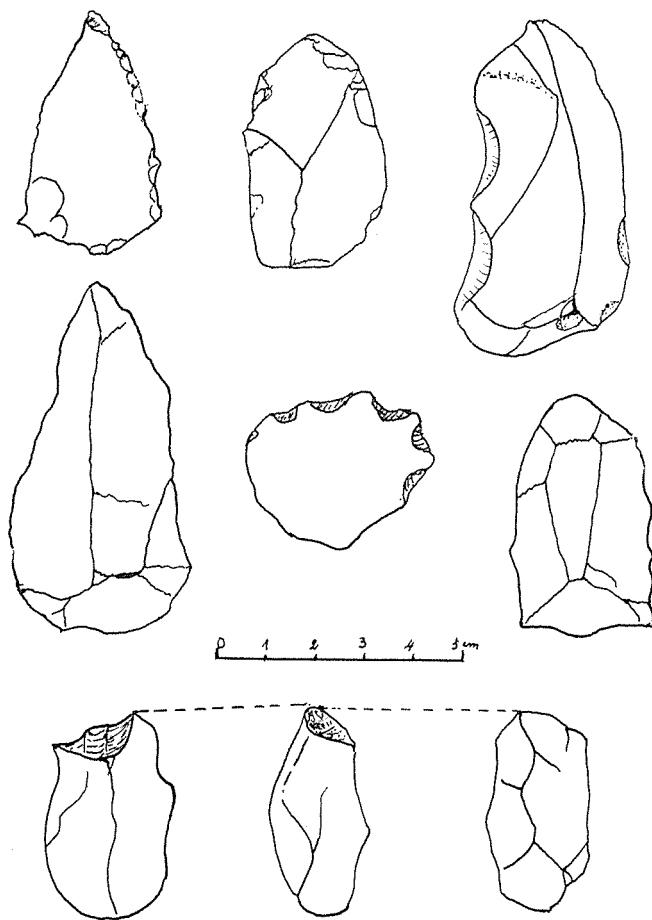


Fig. 1 — Desenhos esquemáticos das peças de sílex e de quartzite apanhadas no pavimento da Avenida Trigo de Morais em Sá da Bandeira.

— Ponta de quartzite castanho-avermelhada de talhe fresco. Toda a peça é áspera ao tacto e os bordos são tão vivos e cortantes como se fosse de talhe recente.

A parte inferior do bordo direito ao atingir a base foi finamente desbastada de modo a obter aresta cortante.

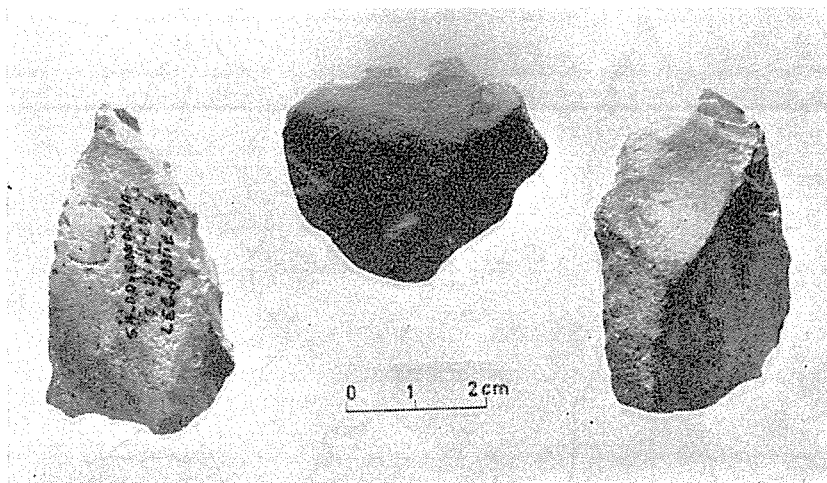


Fig. 2 — Ponta e dois raspadores de sílex.

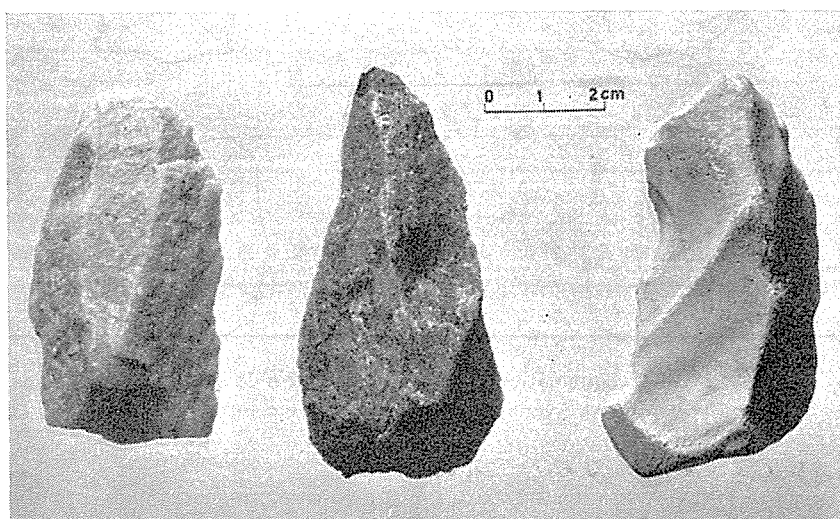


Fig. 3 — Raspador e ponta de quartzite e raspador côncavo de sílex.

Face inferior plana e a superior um tanto proeminente com crista mediano-longitudinal (Figs. 1 e 2).

— Lâmina grossa de quartzite acastanhada, clara.

A face superior como o desenho mostra, apresenta uma superfície mediano longitudinal aplanada e quase lisa, duas laterais um tanto rugosas, e uma basal triangular que era menos rugosa.

O topo cimeiro é rombo e bastante esmurrado, o que faz crer que tenha sido usada como percutor.

A base oferece mais condições de cutelo do que propriamente de raspador.

O bordo direito é ondulado por lascado miúdo que poderá ser considerado como vestígios de utilização (Figs. 1 e 2).

— Peça (?) de sílex escuro trifacetada em grosseiro prisma triangular.

Não lhe tirei fotografia. Limitei-me a fazer o desenho esquemático da Fig. 1.

Uma das faces cor de chocolate, não patinada, forma um dos lados do prisma e corresponde a uma superfície de fratura relativamente recente.

As outras duas faces bem patinadas de cor acastanhada um tanto clara.

A primeira impressão que se colhe é de que talvez se possa considerar aquela peça como pequeno núcleo.

No entanto para a esquerda do topo cimeiro havia uma superfície triangular (Fig. 1) com lascado a determinar um bordo quase recto, que permite considerar aquele sílex escuro como um raspador, do tipo que os ingleses designam «side scraper».

#### LOCALIZAÇÃO DO ACHADO

Entre a Pousada de Turismo e o monumento ao General João de Almeida a Avenida Trigo de Morais corta um terreno cascalhento com abundância de godos ou calhaus rolados.

A uma escassa centena de metros do referido monumento havia um regueirão onde corria água em abundância.

Foi precisamente ao longo daquele regueirão e numa faixa de mais de uma centena de metros que eu e a minha mulher fizemos abundante colheita de peças do tipo das que vão desenhadas na Fig. 1. Depois de etiquetadas foram integradas nas colecções arqueológicas do museu do departamento de Antropologia que organizamos na Faculdade de Ciências da Universidade de Luanda, onde prestei serviço desde Janeiro de 1969 a Junho de 1972.

Oxalá que esta e outras estações arqueológicas de que colhemos abundantes materiais, arquivados no referido museu, possam vir a ser estudadas e publicadas.

Instituto de Antropologia «Dr. Mendes Correia»  
Faculdade de Ciências — Universidade do Porto  
Novembro de 1980

J. R. DOS SANTOS JÚNIOR

Prof. cat. em comissão de Serviço na Universidade  
de Luanda — 1968-1972

---

## 29.<sup>a</sup> Campanha de escavações no Castro de Carvalhelhos, 1980

O Castro de Carvalhelhos fica a cerca 500 m e sobranceiro às Caldas Santas de Carvalhelhos, remota designação das justamente afamadas Águas de Carvalhelhos.

Fica em termo da freguesia de Bêça, concelho de Boticas e distrito de Vila Real.

Este castrinho é cheio de interesse por algumas das suas particularidades, que têm sido estudadas mercê de trabalhos que ali venho fazendo há mais de 30 anos, pois já dois anos antes de começar as escavações ali fiz prospecções para descobrir o alinhamento das muralhas soterrado por montões de terra e pedras.

Desde 1951 o castro é imóvel de interesse público (Decreto n.º 38 491, D.G., 2.<sup>a</sup> Série de 6 de Novembro de 1951).